

Silva, Marcos E (1991) Teoria Geral:
Uma Interpretação Pós-Keynesiana
IPE-USP. / Fapesp. São Paulo

Capítulo I

Métodos Analíticos em Economia: Marshall e Walras⁶

O método analítico utilizado pelos pós-keynesianos (senso estrito) baseia-se fundamentalmente em Marshall e difere sob vários aspectos do método walrasiano. As diferenças são muito maiores do que simplesmente opor-se a um modelo de "equilíbrio geral" outro de "equilíbrio parcial", pois o que se discute é a própria noção de equilíbrio. O fato de se aceitarem seus princípios metodológicos não significa que os problemas e as soluções que Keynes discute sejam os mesmos de Marshall, mas sim que a mensagem keynesiana fica mais clara quando analisada sob esta ótica.

⁶ O que se segue baseia-se principalmente em Marshall (1982), Walras (1983), Hansen (1970); Leijonhufvud (1974) e Frisch (1950).

A seguir, dados os objetivos do presente trabalho, comentar-se-ão brevemente as diferenças mais importantes existentes entre os dois métodos.

1 Walras

Para os walrasianos, equilíbrio significa "consistência de planos individuais", que é obtida usando-se a metafórica figura de um "leiloeiro" que anuncia um vetor de preços para todos os bens e serviços disponíveis nos mercados (presentes e futuros) e pede que os agentes façam suas propostas de compra e venda; aqueles bens e serviços para os quais há um excesso de oferta agregada ao se computar todas as ofertas e demandas individuais têm os seus preços rebaixados; os bens que apresentam um excesso de demanda agregada têm os seus preços aumentados e aqueles bens para os quais a demanda agregada é igual à oferta agregada têm os seus preços mantidos. O "leiloeiro" só permitirá que se façam trocas quando ele anunciar um vetor de preços para o qual os planos dos agentes sejam consistentes, i.e., não haja nem excesso de oferta nem de demanda para nenhum bem ou serviço. Neste sentido, não existem "trocas falsas" na economia. O equilíbrio é obtido, portanto, por um processo de tentativa (*tâtonnement*) guiado pelo leiloeiro e garante que todos os agentes terão atendidos os seus planos de forma consistente uns com os outros. Para se chegar a esse resultado, postula-se a existência de recontra-tos a fim de que trocas falsas não ocorram e a tendência ao equilíbrio possa prevalecer.

Nesse processo, existe uma separação rigorosa dos planos de análise individual e de mercado, estando bem definidas as regras de determinação do comportamento dos agentes individuais, do sistema de agregação de demandas e ofertas e do comportamento do mercado como um todo. Isto significa que o indivíduo, ao formular os seus planos, é influenciado apenas pelo seu comportamento, sendo totalmente imune ao que vai se passar no mercado como um todo. As suas demandas e ofertas são funções (*ex-ante*) de comportamento do tipo: se a_1 , então b_1 ; se a_2 , então b_2 . Mas não expressam a reação dos agentes ao que possa estar ocorrendo de fato nos mercados, isto é, não são influenciados diretamente pela concorrência e não são passíveis de uma interpretação *ex-post* (a concorrência nos mercados é simbolizada pela ação do leiloeiro e não pela ação dos agentes). A noção de concorrência está associada, aqui, fundamentalmente à incapacidade de os agen-

tes individuais influenciarem de forma isolada os preços de equilíbrio.

O modelo de equilíbrio geral walrasiano expressa como nenhum outro a idéia de liberdade individual e de racionalismo da ação dos homens. Trata-se de um modelo rigorosamente atomista.

2 Marshall

No modelo marshalliano não existe uma distinção clara da sequência experimento individual, agregação e experimento de mercado, pois aqui a preocupação central é com o observável (mercado) e não com o planejado (indivíduo). A própria definição de equilíbrio é diferente, e passa a significar "constância de comportamento observado" (Leijonhuvud, 1974), uma idéia que necessariamente envolve o tempo, ao contrário da definição walrasiana que pode ser reduzida a um conjunto de regras lógicas e é atemporal. A otimização de todos os planos dos agentes e a sua consistência pode ser uma condição suficiente para o equilíbrio marshalliano, mas não é condição necessária.

A concorrência marshalliana não pode ser simbolizada pela ação de uma entidade ou de um leiloeiro; ela perpassa a ação de todos os indivíduos. *Ex-ante* um vendedor marshalliano não conhece o preço de mercado nem faz conjecturas sobre ele, apenas *ex-post* pode-se dizer que o preço é igual ao custo marginal e mesmo assim somente para a firma representativa, que não é uma empresa real, mas sim uma construção virtual para expressar o comportamento do mercado como um todo. O fato de a firma representativa estar em equilíbrio não significa que todas as firmas reais o estejam; pelo contrário, ao preço de equilíbrio algumas firmas estão sendo estimuladas a aumentar a sua produção, outras que se encontravam já em fase de decadência podem ter a sua vida prolongada ou a sua morte acelerada etc. A imagem que melhor traduz a idéia de Marshall é a de um lago em que a superfície está calma mas abaixo dela ocorre toda a movimentação dos peixes e outras formas de vida.

Para Marshall, a pergunta que um vendedor faz ao decidir quanto levar para o mercado é: que preço espero receber e que seja suficiente para justificar essa produção, dada a minha expectativa de ação de todos os vendedores e comprado-

res? (ou seja, levando em conta a concorrência já na sua decisão, não cabendo aqui a simbologia do leiloeiro walrasiano).

I

O ajuste de mercado marshalliano sempre leva em conta a experiência passada, que norteia a ação de compradores e vendedores, e a ação do tempo no processo de mudança de um ponto de equilíbrio para outro, daí a sua preferência pela analogia da economia não com a física, mas sim com a biologia.

Três conceitos básicos estão acoplados na teoria marshalliana: "firma representativa, lucro normal e estado estacionário". Os "verdadeiros pontos de equilíbrio" só são atingíveis a longo prazo, num estado estacionário em que não exista tendência à entrada ou saída de capital dos vários mercados, isto é, as firmas representativas de cada mercado estão recebendo apenas o lucro normal, e os preços de equilíbrio são iguais aos custos de produção.

É através da junção desses três conceitos que Marshall tenta conciliar a lei dos rendimentos decrescentes, válida a curto prazo, com a lei de rendimentos crescentes, válida a longo prazo. A sua conclusão é que o conceito de custo marginal de longo prazo na realidade não é operacional, sendo relevante apenas o conceito de custo total médio de longo prazo, o qual reflete exatamente o preço de equilíbrio.

O seu conceito de equilíbrio está mais próximo do de Ricardo, apesar de sua tentativa de conciliar a teoria do valor utilidade jevoniana com a teoria do valor trabalho (à qual ele adiciona o elemento "espera" para justificar o lucro a longo prazo)⁷. Como se verá no Capítulo V, a tendência de equilíbrio a longo prazo aparecerá de forma distinta em Keynes, não significando tendência ao "estado estacionário", se por estado estacionário entende-se investimento líquido igual a zero.

Em Marshall, as relações de causalidade entre as variáveis estão bem determinadas e levam em conta explicitamente a ação do tempo. Por exemplo, a curto prazo são as condições de demanda que mais importam para determinar os preços, ao passo que a longo prazo são as condições de oferta que se impõem. Além disso, o método de equilíbrio

7 No Apêndice I – A Teoria do Valor de Ricardo, Marshall (1982) expõe com clareza as relações que vê entre a teoria do valor utilidade e teoria do valor determinada pelos custos de produção.

parcial é utilizado para dividir as dificuldades que a ação do tempo coloca e não para eliminá-las; deve-se analisar um problema de cada vez, utilizando-se a condição de *ceteris paribus* e progressivamente incorporar-se os outros. "Este expediente científico é bem mais velho do que a ciência: é o método pelo qual, conscientemente ou não, homens sensatos trataram desde tempos imemoriais cada problema difícil da vida ordinária" (Marshall, 1982. vol. 1, p. 10).

A posição defendida no presente trabalho – isto é, de que Keynes estava preocupado com o estudo de desemprego involuntário numa perspectiva de longo prazo – possui uma base metodológica marshalliana, na qual o termo estático não está necessariamente associado a análise de curto prazo. A citação seguinte é ilustrativa de posição marshalliana (e também, para o autor, da de Keynes):

"No estado estacionário, todas as condições de produção e de consumo são reduzidas à inércia. Suposições menos chocantes, todavia, são feitas pelo método chamado, algo impropriamente, estático. Por este método, fixamos nossas mentes em certo ponto central: supomo-lo por um momento em estado estacionário e, então, estudamos em relação a ele as forças que influem sobre as coisas que o circundam e qualquer tendência que se possa manifestar para o equilíbrio dessas forças. Um bom número desses estudos parciais pode abrir caminho para a solução de problemas por demais difíceis para serem abarcados num só esforço". (Marshall, 1982, vol. 2, p. 49)

Para concluir, observe-se que, de acordo com Leijonhufvud (1974), as curvas de oferta e demanda de mercado devem ser interpretadas como um conjunto de pontos de equilíbrio ao longo do tempo, passíveis de serem observados no mercado, e não um conjunto de pontos expressando o comportamento dos produtores que só se materializarão se forem consistentes com os planos dos outros agentes econômicos.